

# Análise e resolução de conflitos na administração política do capitalismo

Por Elinaldo L. Santos e K. C. Soares

## APRESENTAÇÃO

Nosso entrevistado para o dossiê temático sobre *Administração Política: ensino, pesquisa e prática* é o antropólogo e sociólogo americano, decano da Escola de Análise e Resolução de Conflitos, da Universidade George Mason dos EUA, o Professor Dr. Kevin Avruch. O Professor Kevin Avruch é uma das principais referências internacionais em Análise e Resolução de Conflitos. Autor de sete livros, incluindo *Ensaio Crítico sobre Sociedade, Religião e Governo Israelense* (1997), *Cultura e Resolução de Conflitos* (1998) *Campanhas de Informação para Operações de Paz* (2000), *Contexto e Pretexto na Resolução de Conflitos: Cultura, Identidade, Poder e Prática* (2012), e *Resolução de Conflitos e Necessidades Humanas: Ligando Teoria e Prática* (2013, com Chris Mitchell).



Seus outros trabalhos incluem artigos e ensaios sobre teoria da cultura, análise e resolução de conflitos, teorização do poder e da prática, processos de terceirização negociações interculturais, movimentos sociais nacionalistas e etnorreligiosos, direitos humanos e política contemporânea. Nesta entrevista, o Professor Kevin Avruch tece comentários sobre algumas questões da geopolítica do capitalismo, precisamente das suas mazelas – concentração, pobreza, desigualdade, globalização e crise migratória. As análises se aproximam dos estudos que a Rede de Administração Política vem realizando sobre a administração política do capitalismo no geral e do Brasil no particular. Diante disso, convidamos os leitores da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, para, conosco, mergulharem e se deleitarem nesta entrevista.



Imagem 1: Dr. Kevin Avruch

Fonte: <https://schar.gmu.edu/about/faculty-directory/kevin-avruch>.

*Elinaldo Santos e K. C. Soares: Nós estamos aqui com o professor Kevin Avruch, Diretor da Escola de Análise e Relação de Conflitos (S-CAR), da Universidade George Mason dos EUA, e vamos conversar com ele sobre a conjuntura da administração política do capitalismo e suas implicações no Brasil. Bem, Professor Kevin Avruch, primeiro agradecemos pela entrevista e gostaríamos que você começasse relatando para os leitores da Revista Farol sobre a importância do curso de Análise e Relação de Conflitos na compreensão da administração política do capitalismo?*

Kevin Avruch: Obrigado pela oportunidade de conversar com vocês e com os leitores de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Para responder a essa primeira pergunta, gostaria de recomendar a vocês o livro recentemente publicado por meu colega de S-CAR, o Prof. Richard E. Rubenstein, intitulado “Resolvendo Conflitos Estruturais: Como Sistemas Violentos Podem Ser Transformados”. Esta seria uma das leituras centrais em um curso de Análise e Resolução de Conflitos e também nos ajudaria a compreender a administração política do capitalismo.

Nesse livro, o Professor Rubenstein pretende responder a duas questões básicas: Como o sistema socioeconômico gera violência? E, o que os especialistas em conflito



podem fazer sobre isto? Em resposta, ele nos direciona para duas ideias formativas nos estudos de paz e conflito: a ideia de necessidades humanas insatisfeitas (de John Burton) e violência estruturada (de Johan Galtung). Essas ideias formam as duas primeiras “ondas” de teoria e prática da Resolução de Conflitos e centram-se nos interesses (barganha “racional” ou negociação) e nas identidades (conflitos étnicos, raciais, linguísticos, religiosos). Rubenstein defende que é chegada a hora da “terceira onda”, que requer um compromisso crítico com o sistema socioeconômico – a estrutura –, na qual estão embutidos interesses, identidades e todas as outras dinâmicas simbólicas de sistemas políticos (inclusive as políticas administrativas e organizacionais). Por sua vez, isso demandará a quebra de silêncio sobre classe social e luta de classe, que o Professor Rubenstein chama de “o conflito que não ousa falar seu nome”. Ao retornar (e ênfase o “retorno”) ao estudo de conflito de estrutura e classe, ele argumenta a necessidade do reconhecimento da pobreza, da desigualdade e dos danos indestrutíveis à dignidade humana, dado que essas condições são fontes geradoras e reprodutoras de conflitos e violência, e tendem a uma certa naturalização. Ele rejeita a visão de resolução de conflitos como “reforma pálida”, a qual sugere que mudanças estruturais profundas são improváveis ou impraticáveis. Destaco que será esse o caso, se não nos esforçarmos para imaginar as alternativas. Um curso em Análise e Resolução de Conflitos, na minha percepção,

deve, primeiramente, formar estudantes/profissionais com competências para compreender e mediar os conflitos das duas primeiras ondas, pré-requisito para uma análise profunda da terceira onda estrutural. Em segunda lugar, é preciso envolver-se, criticamente, com a administração política do lugar (Brasil ou outros lugares), de modo que se possa conhecer e praticar seu potencial de dificultar ou auxiliar lugares em situações de conflitos estruturais.

*Elinaldo Santos e K. C. Soares: Kevin Avruch, a partir do ano que vem, os recursos acumulados pelo 1% mais rico do planeta ultrapassarão a riqueza do resto da população, segundo um estudo da organização não governamental britânica Oxfam. Quais as implicações desse cenário nas políticas de relações internacionais, sobretudo da América Latina e do Brasil?*

Kevin Avruch: O caso é (estou a dizer, “naturalmente” ou “ironicamente”) que essa má distribuição brutal da riqueza é agora uma realidade entre os trabalhadores norte-americanos, assim como na América Latina. Um coloquialismo americano nos diz que “as galinhas [dos fluxos capitalistas globalizados] já voltaram para casa para chocar”. No entanto, quaisquer que sejam os efeitos nos EUA, os que serão sentidos na América Latina e no Brasil (dada a longa história de exploração do Sul pelo Norte) hão de ser infinitamente maiores.



No caso da América Latina, muito dependerá de como as pessoas e os governos dos países membros (incluindo o Brasil) irão lidar com essa má distribuição (penso particularmente agora na Venezuela). No caso dos EUA, a questão é: como controlar e inserir os estrangeiros na sociedade e qual política macroeconômica deve ser implementada? A hostilidade dos Estados Unidos (para situá-lo suavemente) em relação aos regimes latino-americanos que respondem ativamente ao alívio da desigualdade econômica (Guatemala, Cuba, Chile etc.) está muito bem documentada para merecer comentários. Mas, o fato é que alguns regimes dos EUA têm reagido com mais hostilidade intervencionista do que outros, embora os cínicos possam dizer que essas são distinções sem muita diferença. O que, talvez, seja diferente agora é a forma como algumas administrações norte-americanas (como a atual) têm reagido à agitação semelhante em torno da disparidade econômica e da desigualdade em nosso próprio país. Em comparação com a América Latina, dada a exigência da história, somos novatos comparativos em responder e agir sobre isso.

*Elinaldo Santos e K. C. Soares: No momento atual, estamos vivenciando, em todo mundo, uma expansão dos movimentos sociais lutando por mais participação nos processos decisórios, garantias dos direitos sociais, reconhecimento e pertencimento; por outro lado, os organismos*

*internacionais (ONU, BM, FMI) ainda agem numa perspectiva de governança global. Como você explica tais contradições?*

Kevin Avruch: Como citei nas minhas respostas anteriores, isso agora afeta o povo dos EUA e da Europa – imagine o Brexit e Marine Le Pen. Concordo com a afirmação de que no “mundo inteiro” há uma expansão de movimentos sociais reivindicando mais participação na tomada de decisões. Porém, não vejo “contradições” nos organismos internacionais (ONU, BM, FMI) quando resistem a isso, pois o que se espera dessas estruturas de governança política e econômica global é, justamente, que resistam a qualquer mudança que ameace a hegemonia de *status quo* (antes). Basta perguntar a quem essas organizações representam (quais interesses? Para utilizar o conceito ainda útil de análise de conflitos). Elas são, de fato, os exemplos globais da ideia de administração política (leia: socioeconômica) que existem no Brasil, numa escala menor. A contabilização das diferenças de escala e alcance, a dinâmica da administração – e, portanto, da governança – (incluindo necessariamente a dinâmica da crítica) são praticamente as mesmas.

*Elinaldo Santos e K. C. Soares: Globalização ou nacionalismo? Qual será a nova ordem mundial?*

Kevin Avruch: Globalismo (fluxos globais capitalistas) e nacionalismo são agora mutuamente imprecisos. Eles estão em uma relação dialética. O dilema que eles apresentam expressa-se de duas formas: o globalismo conduzirá a mais disparidades, desigualdades e danos humanos indelévels, mas a resposta nacionalista será, muitas vezes, racista, xenófoba e favorável ao autoritarismo (ou pior). Estas duas “novas ordens mundiais” irão se engendrar uma a outra e coexistirão. Mas, meu ponto de vista é o de que o globalismo econômico é a força mais dominante e imperiosa, e, nesse sentido, o nacionalismo permanecerá reativo (bem como “reacionário”). Ambos prometem um dano humano indelével. Dessa forma, faríamos bem em lembrar (observando a pergunta anterior) que nem todos os “movimentos sociais” engendrados em reação ao globalismo serão positivos ou liberatórios. Em meu país, a eleição recente e os eventos que o antecederam e seguiram são exemplos disso.

*Elinaldo Santos e K. C. Soares: Recentemente, a Escola de Análise e Relação de Conflitos da Universidade George Mason e a Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia vêm realizando esforços, no sentido de ampliar os laços para compreender a administração*



*política do capitalismo. Sendo assim, o que podemos esperar dessa relação Norte-Sul, na geopolítica do conhecimento?*

Kevin Avruch: O fato é que os estudiosos da América Latina estavam entre os primeiros a articular a administração política do capitalismo global (mas especialmente do Norte-Sul). Estou pensando em Raul Prebisch, Celso Furtado, Aníbal Pinto, André Gunder Frank e nos contributos iniciais da Teoria da Dependência e do "Subdesenvolvimento". Aprendemos muito dessas teorias, posteriormente "globalizadas" por Wallerstein. Agora que as "galinhas" globalistas voltaram para casa, a fim de descansarem no Norte (e lembrando a demonstração do Prof. Rubenstein sobre a necessidade de análise e resolução de conflitos para abraçar a "terceira onda"), pode-se acreditar que esteja chegando o tempo para as articulações simpáticas e abertas (Norte-Sul), para uma melhor compreensão da geopolítica do conhecimento. É isso que esperamos aprender na Bahia.

*Elinaldo Santos e K. C. Soares: Professor Kevin Avruch, em nome da equipe editorial da Revista Farol de Estudos Organizacionais e Sociedade, agradecemos sua disponibilidade para nos conceder esta entrevista. Por fim, gostaríamos de registrar a relevância de um diálogo mais profícuo entre os campos (administração e análise e resolução de conflitos), de modo que*



*possamos, efetivamente, contribuir para a resolução de conflitos individuais, organizacionais e sociais, com vistas à promoção da paz e justiça social.*

# Análise e resolução de conflitos na administração política do capitalismo

## Resumo

Nesta entrevista, o Professor Kevin Avruch antropólogo e sociólogo americano, decano da Escola de Análise e Resolução de Conflitos S-CAR, da Universidade George Mason dos EUA, tece comentários sobre algumas questões da geopolítica do capitalismo, precisamente das suas mazelas – concentração, pobreza, desigualdade, globalização e crise migratória. As análises se aproximam dos estudos que a Rede de Administração Política vem realizando sobre a administração política do capitalismo contemporâneo.

## Palavras chave

Análise e Resolução de Conflitos. Capitalismo. Administração Política.

# Analysis and resolution of conflicts in the political administration of capitalism

## Abstract

In this interview, Professor Kevin Avruch, an American anthropologist and sociologist, dean of the School of Analysis and Resolution of Conflict S-CAR, George Mason University USA, comments on some issues of the geopolitics of capitalism, precisely its problems - concentration, poverty, inequality, globalization and migratory crisis. The analyzes are close to the studies that the Political Administration Network has been conducting on the political administration of contemporary capitalism.

## Keywords

Analysis and Resolution of Conflicts. Capitalism. Political Administration.

# Análisis y resolución de conflictos en la administración política del capitalismo

## Resumen

En esta entrevista, el profesor Kevin Avruch antropólogo y sociólogo estadounidense, decano de la Escuela de Análisis y Resolución de Conflictos S-CAR, de la Universidad George Mason de Estados Unidos, tece comentarios sobre algunas cuestiones de la geopolítica del capitalismo, precisamente de sus males - concentración, pobreza, desigualdad, globalización y crisis migratoria. Los análisis se aproximan a los estudios que la Red de Administración Política viene realizando sobre la administración política del capitalismo contemporáneo.

## Palabras clave

Análisis y Resolución de Conflictos. Capitalismo. Administración Política

## Entrevistado

### Kevin Avruch

PhD em Antropologia pela University of California San Diego. Professor Associado da George Mason University. Lattes não informado. Orcid não informado. E-mail: [kavruch@gmu.edu](mailto:kavruch@gmu.edu).

### Elinaldo L. Santos (Entrevistador)

Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. <http://lattes.cnpq.br/9619335535635232>. <https://orcid.org/0000-0001-8423-8830>. E-mail: [elinaldouesb@gmail.com](mailto:elinaldouesb@gmail.com).

### K. C. Soares (Entrevistadora)

Ph.D. pela Universidade de Cornell. Diretora Executiva da Smith Soares Associates. Lattes não informado. Orcid não informado. E-mail: [kcsouares@gmail.com](mailto:kcsouares@gmail.com).

## Endereço para correspondência

Kevin Avruch. 3330 N. Washington Blvd., Suite 500, Truland Building  
Arlington, Virginia 22201. Telefone: 70399-33607.

## Como citar esta contribuição

Avruch, K. (2017). Análise e resolução de conflitos na administração política do capitalismo. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(10), 1069-1083.

Entrevista concedida a Elinaldo L. Santos e K. C. Soares.

*Contribuição Submetida em 18 maio 2017. Aprovada em 18 maio 2017. Publicada online em 20 out. 2017. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 10 | AGOSTO | 2017 | ISSN: 2358-6311